



Identificações discursivas e representações da morte no ciberespaço

Trabalho apresentado no Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação - NP Comunicação e Culturas Urbanas, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Mariana Della Dea Tavernari¹

Escola de Comunicações e Artes (Universidade de São Paulo)

Resumo

Os diários virtuais íntimos, experiências legítimas de reconhecimento social, são elementos-chave para compreender a transformação dos modos de cognição e interações perceptivas, bem como as consequentes configurações identitárias na sociedade contemporânea, em suas circunstâncias sociais, culturais e epistemológicas. A partir da perspectiva descentrada da Análise do Discurso busca-se percorrer das estruturas sintáticas às pragmáticas investigando os processos de subjetivação e possibilitando reconhecer a dinâmica dos processos identitários no ciberespaço, principalmente aqueles relacionados à temática da morte.

Palavras-chave

blog; diário virtual; discurso; identidade; comunicação

Blogs na rede

Os blogs, também chamados de *weblogs* e fenômeno das novas ordenações da sociedade devido aos processos de informatização, integram as Tecnologias da Informação e Comunicação, que transformam os modos de comunicar. A utilização da rede mundial de computadores estabelece um importante fator de agregação, sendo constituída por ferramentas como os *websites* e o *e-mail*:

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Redes interativas de comunicação estruturam uma nova geografia de conexões e sistemas. Delas resulta o mundo "virtual" e o que hoje chamamos de cibercultura (CASTELLS, 2008: 07).

Pelas redes são recriadas as narrativas a partir das quais os indivíduos se reconhecem como sujeitos e identificam-se ao imaginário e à memória coletiva. Tomados como experiência moderna de reconhecimento social, os blogs destacam-se nesse processo, mas diferenciam-se das dinâmicas dos meios de comunicação de massa – que se destacam pela unidirecionalidade da informação – por serem ferramentas que integram os meios de comunicação todos-todos, como a Internet. Dada a facilidade de inserção de textos, imagens, sons e vídeos na rede por meio dos *blogs*, nota-se uma diversidade de estilos e objetivos por parte de seus autores e, portanto, uma variedade de

¹ Aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Rosana de Lima Soares. Membro do Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas (ECA-USP). Bolsista da FAPESP.



gêneros. Certamente, parte desses autores fazem uso das ferramentas de publicação para uma escrita de si; no entanto, diferentemente dos diários tradicionais, os *blogs* permitem a expressão de uma escrita de si fundamentada na percepção do outro, ou seja, motivada pela possibilidade de presença (mesmo mediada pelo computador) do leitor.

Apesar de estarem presentes massivamente na rede, os *blogs* voltados para a manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre a vida cotidiana, denominados *blogs* pessoais auto-reflexivos, segundo Alex Primo (*blog* que, a partir dessa classificação, será denominado diário virtual íntimo) fazem parte de uma parcela estatística de *blogs* denominada “cauda da Internet”. São milhões de *blogs* com taxas de visitação relativamente baixas, mas responsáveis por grande parte do tráfego de informações na rede.

Formas de interação perceptivas e cognitivas no ciberespaço

O computador, segundo Sherry Turkle, exerce na sociedade contemporânea um papel não apenas de ferramenta de comunicação, mas também de transformação dos modos de cognição e interações perceptivas. O sistema de redes em expansão da Internet altera as configurações sociais e culturais da sociedade. Na cultura da interface, as janelas do computador oferecem vários níveis de material com acesso simultâneo, e permitem que os usuários naveguem em várias direções e trabalhem em vários documentos, arquivos ou softwares, além de poderem interagir e reagir às informações.

Na cultura da simulação, as identificações são processadas na interação com a máquina. Da mesma maneira que a cultura da interface fragmentada em janelas torna-se uma metáfora para pensar no eu como um sistema múltiplo e fragmentado, o computador simboliza a condição contemporânea (TURKLE, 1997: 31): “Os sonhos e os animais eram os objetos-cifra de Freud e de Darwin, os objetos-cifra do modernismo. Ao longo da última década, o computador tornou-se um objeto-cifra do pós-modernismo”. A tecnologia desempenha assim, um papel importante na criação de uma nova sensibilidade cultural e social e introduz um conjunto de idéias associadas ao pós-modernismo, ou seja, reifica a estética descentrada, fluida, não-linear e opaca.

As formas de interação com as janelas do computador mimetizam os dois modelos lógicos de relação entre os meios de comunicação, fenômeno denominado por Bolter e Grusin (2000: 50) como “remediação”: a representação de um meio de comunicação em outro, de tamanha importância para a compreensão dos fluxos de comunicação, por caracterizar os novos meios digitais. Tanto a imediação quanto a



hipermediação são manifestações opostas do mesmo desejo de atravessar os limites da representação. São facetas, estratégias para atingir a remediação, que só se efetiva quando ambos os fenômenos se fazem presentes, embora em proporções diferenciadas.

A lógica da imediação é aquela da realidade virtual, que permite a imersão. (devemos considerar Realidade Virtual como as experiências geradas por simuladores de imagens tridimensionais produzidas por computador e acopláveis à cabeça). Para que a imersão realmente ocorra e a imediação seja possível, é necessário que o meio de comunicação “desapareça” isto é, que o telespectador não seja capaz de perceber a presença do simulador. A imersão está condicionada à supressão da interface, mas este ato de desaparecer é dificultado pela necessidade que a realidade virtual exige para se fazer possível. Nesta imediação transparente, buscada incessantemente pelos entusiastas da realidade virtual, a interface deve apagar a ela mesma, e o telespectador não deve sequer perceber os instrumentos tecnológicos que o circundam.

Enquanto a imediação propõe um espaço visual unificado, a hipermediação oferece um espaço visual heterogêneo. Ao contrário da lógica da imediação, o objetivo da hipermediação é lembrar o telespectador da presença da interface do meio de comunicação. Bolter e Grusin exemplificam a lógica de hipermediação por meio da interface atual dos computadores, na qual várias janelas se sobrepõem e, ao contrário de se fazerem apagar, lembram o telespectador da sua presença a cada clique no mouse. A simples necessidade da sobreposição das várias janelas no monitor já deixa de favorecer o desaparecimento da interface para o usuário. O usuário do computador, por exemplo, manipula constantemente as diversas ferramentas da interface e dificilmente deixará de perceber a presença desta. A lógica da hipermediação pode ser visualizada em diversos meios, como em jornais e na televisão, mas para Bolter e Grusin, a World Wide Web é o meio de comunicação que sofre mais influência do fenômeno da hipermediação. Na Web, a reposição é a estratégia de operação de toda interface baseada em janelas.

Processos de identificação

Descritas as particularidades do objeto de estudo tratado, é importante situá-lo contextualmente, não apenas a respeito das condições sociais, históricas e culturais em que emerge, mas também as circunstâncias epistemológicas e teóricas que surgem a partir da intersecção dos estudos de cibercultura sobre os meios digitais e as diversas perspectivas analíticas de tais fenômenos, advindas de áreas como Psicologia, Linguística e Teoria da Informação. Pertencentes ao contexto das mídias digitais, os



diários virtuais íntimos compõem o quadro da contemporaneidade, marcada por diversas transformações face às conjunturas da modernidade, relativas às formas de subjetivação e modos de posicionamentos identitários, aos mecanismos de representação das conjunções espaciais e temporais, bem como aos modelos de visibilidade pública e privada e às arquiteturas da memória na contemporaneidade.

Bauman (2001) utiliza a metáfora da fluidez para marcar a especificidade do estágio presente da era moderna, dada sua flexibilidade em contraposição ao artefato sólido. A modernidade seria fluida desde a sua concepção, um processo de liquefação dos sólidos representados por sistemas que persistem no tempo, derretimento que determina uma nova condição humana e modifica conceitos básicos em torno dos quais as narrativas ortodoxas da condição humana tendem a se desenvolver, como a identidade, a individualidade e a relação tempo/espço.

A questão da identidade torna-se um prisma de análise para outros aspectos tópicos da vida contemporânea e a conjunção do surgimento do discurso sobre a identidade com a emergência dos diários virtuais íntimos introduz a discussão a respeito das formas de subjetivação e identificação nas comunicações mediadas por computador. Os movimentos de subjetivação e objetivação inspiram a inserção do sujeito em determinadas ordens discursivas pelas interpelações ideológicas, bem como deixam espaço para a constituição imaginária de um sujeito singular. Oscilações e tensões, por outro lado, assinalam um lugar virtual que só emerge com a entrada da subjetividade humana, ou seja, sua capacidade de, por meio de interações cognitivas e perceptivas com a tela do computador, projetar e introjetar sentimentos, palavras e desejos, num contexto social marcado pela crise da modernidade. Os diários virtuais íntimos, objetos-cifra dessa oscilação, exploram justamente a situação de crise da identidade.

A presença constante do outro, explícita ou não, nos diários virtuais íntimos, marca profundamente as características desse gênero, e uma conseqüente tensão entre efeitos de centralidade e descentralidade pode ser observada. Em termos da constituição do *eu*, a Psicanálise, principalmente em Jacques Lacan, coloca a identidade como construída pela linguagem e através dela, e o sujeito como uma multiplicidade de partes e fragmentos, unidos por ligações privadas de desejo. Para Turkle (1997: 22): “Nos meus mundos mediados pelo computador, o eu é múltiplo, fluido e constituído em interação com uma rede de máquinas; é formado e transformado pela linguagem”.

A essa perspectiva descentrada psicanalítica pode ser acoplada uma outra, discursiva. A análise de discurso de linha francesa, perspectiva da semântica da



enunciação que postula a heterogeneidade constitutiva do sujeito e a concepção psicanalítica de um sujeito cindido contribuem para esse reposicionamento em relação à questão do sujeito e da identidade. Dessa forma, aborda-se a identidade sob uma perspectiva discursiva “que encontra na psicanálise seu ponto de apoio, voltada sobretudo para a constituição do sujeito do inconsciente que, imerso no discurso - que sempre provém do outro – é mais falado do que fala (Lacan)” (CORACINI, 2003: 15).

Adota-se, portanto, como perspectiva teórica uma abordagem discursiva de sentido e de sujeito, que se distancia de perspectivas teóricas da sociologia ou da psicologia que postulam um sujeito racional e centrado, fruto das concepções de sujeito iluministas. Supõe-se um sujeito descentrado, heterogêneo e disperso, perpassado pelo inconsciente, que favorece o estranhamento diante da alteridade do outro, e interpelado pela ideologia, pela qual o indivíduo vem ser sujeito de seus dizeres. Quando o tema se torna uma questão discursiva, deve-se falar em identificações e não mais em identidade. Coracini também compartilha da necessidade de uma nova conceituação:

Nessa perspectiva, não deveríamos falar de identidade, já que, como dissemos, o termo remete ao mesmo, ao uno, mas de identificações: é apenas momentaneamente que podemos flagrar pontos no discurso que remetem a identificações conscientes, introjetadas sempre a partir do outro mas que, por estarem já lá, provocam reações, atitudes de recusa ou de aproximação ou de aproximação; quando os autores falam de identidade, é preciso compreendê-la sempre em movimento, em constante mutação (CORACINI, 2003: 15).

A identidade como problema seria, portanto, fruto de um duplo deslocamento, psicanalítico e social. O descentramento social sugere transformações estruturais sofridas pela sociedade no século XX, que fragmentam as agregações por classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, bem como movimentos em direção à individualização das sociedades, em que novos regimes de visibilidade transformam os modos de ver e ser visto, além dos modos de ser.

A partir do que Bauman denomina crise de pertencimento, em que a noção de comunidade baseada na proximidade física entra em colapso para dar lugar à predominância de comunidades por afinidade, a questão identitária emerge como problema. Deixa de ser uma determinação herdada para tornar-se uma tarefa obrigatória, na qual os atores sociais devem arcar com seu desempenho individualmente, conforme observado no trecho a seguir, do blog *Diário da Lulu*:

Andam me falando que eu preciso de um projeto.

Minha vida tá assim: dou aulas numa escola que amo, faço ginástica e regime. Leio, escrevo (pouco), tento estar junto dos meus amigos todos, namoro por internet e telefone. Afora o



namoro, que é enrolado e que gostaria que fosse mais próximo, está tudo bem, gosto da minha casa, dos meus dias, do meu trabalho, gosto de quem sou. De fato, não tenho nenhum grande projeto me esperando, nem a longo nem a curto prazo, a não ser emagrecer e ficar ainda mais bela, mais livre e inteira. Um projeto de mim para comigo mesma, pessoal e artesanal. Meu projeto é viver cada dia com atenção e leveza, estar inteira nas coisas que eu faço, fazê-las bem, e ir construindo uma vida boa, feita de dias bons, de horas boas, de bons instantes. Meu projeto não vai além de cada dia. Meu projeto é viver feliz.

O processo de identificação efetua-se a partir da atuação performativa do enunciador e não apenas de mecanismos de reconhecimento tradicionais (como o nome próprio), de ascensão social (posse de bens e encenação pessoal) e da aparência e imagem nos quais se apóiam o simulacro do autor a partir do enunciador. A mobilização para a ação é ilustrada em cada atividade do enunciador, figurativizada em *ginástica, escola e regime*.

Se, de acordo com Bauman (2008:185), “as *colocações* individuais na sociedade e os *lugares* aos quais os indivíduos podem ganhar acesso e nos quais podem desejar se estabelecer estão derretendo com rapidez e dificilmente podem servir como alvos para ‘projetos de vida’”, o enunciador apóia-se na caracterização sequencial narrativa discursivizada de suas atividades cotidianas para instaurar-se como sujeito da ação. Os esforços individuais de auto-afirmação por meio de uma narrativa de si, marca distintiva dos diários virtuais íntimos, demonstram o caráter individual da política de vida privatizada frente às condições de vida globalizadas e desterritorializadas.

Como consequência desse duplo deslocamento fala-se em identidade fragmentada. É importante mencionar as consequências teóricas de tal expressão, como se as identidades dessem lugar a diversas outras, a sujeitos estilhaçados em detrimento de um sujeito unificado. Estudos da cibercultura buscam uma correspondência direta entre o sujeito fragmentado e o discursivo, como se o fragmentasse em partes, sendo destituído de qualquer noção de unidade em função de uma concepção de sujeito marcado pela alteridade. No entanto, se ainda tem uma imagem relativamente unificada de si, essa condição se deve única e exclusivamente pelo fato de construir uma confortadora “narrativa do eu”. Uma identidade unificada é imaginária, mas a única forma de ser do humano, seu traço característico e singular que o possibilita crer no simulacro que constrói de si e do mundo em que vive.

Percursos de análise do discurso

A opção pela Análise do Discurso para observação dos dados empíricos se justifica por favorecer a análise do texto escrito em função das diversas instâncias do



discurso, permitindo percorrer de suas estruturas sintáticas às pragmáticas em busca da relação entre discurso, a ideologia e a história. Tal opção teórica prima pela busca pelos processos de subjetivação, possibilitando reconhecer a dinâmica dos processos identitários no ciberespaço, principalmente os relacionados à temática da morte

Segundo Dominique Maingueneau, o discurso pode ser definido como dispersão de textos e espaço de regularidades enunciativas. Só uma parte do dizível é acessível, e esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade, que não é somente uma questão de vocabulário ou de sentenças, mas depende de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais. Trataremos de discurso como a relação que une os conceitos de formação discursiva e superfície discursiva, correspondente ao que Michel Foucault denomina discurso. De acordo com a hipótese de Maingueneau, o interdiscurso tem precedência sobre o discurso, o que significa que o estudo da especificidade de um discurso supõe que seja posto em relação com os outros. Por isso é necessário pensar as práticas discursivas enunciadas em um ambiente hipertextual que, por si só, condiciona mecanismos textuais de construção de sentido diferenciados daqueles da escrita linear devido à sua arquitetura multidirecional.

Como o hipertexto comporta textos de gêneros diferenciados, selecionar uma tipologia específica a ser estudada constitui uma escolha que visa facilitar as descobertas das especificidades discursivas dos diários virtuais íntimos. Com o intuito de mergulhar nas particularidades dos diários virtuais íntimos, tem-se a pretensão *de falar de todos os discursos falando apenas de alguns, mas também falar apenas de alguns pensando falar de todos*. Uma formação discursiva não deve ser entendida como um bloco compacto e coeso que se opõe a outras formações discursivas, mas deve ser vista como atravessada por várias outras, e definida a partir de seu interdiscurso. A tarefa exige o emprego da nomenclatura criada por Maingueneau (1995) para definir o interdiscurso, formado pela tríade universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Universo discursivo é o *conjunto de formações discursivas que interagem numa conjuntura dada. É o horizonte a partir do qual serão construídos os campos discursivos, constituídos por um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo*. Espaços discursivos são *subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação*.

Os diários virtuais íntimos, como gênero discursivo, fazem parte do universo discursivo do ciberespaço, no qual concorrem formações discursivas diversas. A



descoberta de um sistema de restrições semânticas nos diários virtuais íntimos permite descrever fenômenos enunciativos e discursivos regulares, porém encobertos por uma aparente homogeneidade de ordem autobiográfica cuja origem remonta à autoria. Em sua superfície discursiva predomina uma narrativa do poder de ação do protagonista, que se coloca como ser racional, capaz de progredir de acordo com suas decisões e apoiado em um raciocínio tecnológico e científico como se estivesse preparado para mudar o curso de sua vida conforme sua liberdade de escolha. Assim, o campo discursivo predominante nos diários virtuais íntimos refere-se a uma lógica humana, em contraposição a outra que será denominada divina (nem sempre ligada à religião).

A filiação a determinado campo discursivo contribui com o simulacro, o Ethos que o enunciador pretende passar ao enunciatário, de uma imagem e um sentido central. Por permitir articular corpo e discurso, a noção de Ethos proposta por Maingueneau se coloca como a mais adequada para atingir a especificidade da comunicação mediada por computador. A incorporação do ethos do enunciador pelo enunciatário no texto escrito se dá pelo discurso, ao qual pode ser associado uma “vocalidade específica que permite relacioná-la a uma caracterização do corpo do enunciador – e não, bem entendido, ao corpo do locutor extra-discursivo-, a um *fiador* que, por meio de seu *tom*, atesta o que é dito. Apesar disso, o autor ainda persegue uma visão encarnada de Ethos, “que recobre não somente a dimensão verbal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas associadas ao ‘fiador’ pelas representações coletivas” (MAINGUENEAU: 2005, 62). Por esse motivo, atribui ao fiador um caráter e uma corporalidade, o primeiro correspondendo a um ‘feixe de traços psicológicos’ e o segundo ‘associado a uma compleição física e a uma forma de se vestir’. Ao ethos também está associado o comportamento social, um *mundo ético* do qual faz parte o fiador, que é ativado por meio da leitura, como um ‘estereótipo cultural que subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos’.

Configurações discursivas da morte

Foram selecionados para este artigo os trechos de temática relacionada à morte. Julga-se que tal tema constitua um aspecto recortado, porém rico em denúncias e verdades encobertas a respeito do modo de vida dos sujeitos. Certamente as formações discursivas ligadas a tal tema ocupam uma posição estratégica no Gênero dos diários virtuais íntimos, pois central e freqüente dentro do universo discursivo a que pertencem. Estamos diante de uma vasto conjunto textual, produzido por inúmeros indivíduos



inscritos em contexto semelhante, ou seja, são indivíduos inseridos socialmente nas cidades modernas, em um tempo em que os meios de comunicação regem a velocidade da transmissão da informação, alteram os estados emotivos e as memórias do indivíduo, subvertem a relação tradicional moderna entre o público e o privado, além de sugerirem uma nova relação entre o sujeito e espaço em que vive.

Para acessar a diversidade de campos ideológicos contemporâneos, pretende-se navegar entre a singularidade desses conteúdos e a integridade semântica desses conteúdos, mergulhados na rede ideológica do ciberespaço. Nas heterogeneidades singulares busca-se as regularidades de uma época, por meio de análises textuais, investigando as discontinuidades sintáticas, bem como as intermitências discursivas.

É no interior desse campo discursivo que se constituem os discursos a respeito da função da morte na vida do sujeito contemporâneo, permitindo-o reconhecer-se como ser biológico, capaz de alcançar o progresso e a evolução por meio da razão, mas também alheio às vontades de uma ordem sagrada, que toma ares de uma transcendentalidade que liga a transitoriedade mundana à durabilidade eterna. O tema propõe relações e confrontos interdiscursivos dos quais se pode depreender a função da figura do indivíduo-sujeito na sociedade, detido entre uma individualidade, um ethos centrado e uma constante necessidade do outro, como fundamento de sua descentralidade, ambos atados a uma terceira ordem, a da culpa cristã a partir de seus inserção no discurso religioso.

Assim, os discursos sobre a morte na contemporaneidade se formam no interior de um “sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (MAINGUENEAU, 2004:38). Admite-se assim, sempre um espaço de trocas e traduções, e jamais de identidade fechada. O outro, do qual faz parte o discurso religioso, representa a zona do interdito, comprovando o caráter essencialmente dialógico de todo discurso. Assim como José Luiz Fiorin, Maingueneau ressalta a importância da inserção do sujeito em determinada posição enunciativa de acordo com uma competência interdiscursiva. O enunciador de um diário virtual íntimo, entre uma comunidade de outros enunciadores internos e externos ao ciberespaço, insere seu discurso em formações discursivas variadas, de acordo com a competência discursiva e com o ethos que visa produzir ao enunciatário. A enunciação confere uma corporalidade ao fiador e o leitor incorpora, se apropria desse ethos, assimila um conjunto de



esquemas que remetem ao seu modo de estar no mundo, às suas referências culturais prévias, ou seja, a um mundo ético marcado por representações estereotipadas.

Tais configurações se materializam com o trecho a seguir, enunciado em *Zel*. Não se trata de desenvolver um panorama analítico da evolução histórica e discursiva da morte na sociedade contemporânea, mas de explorar sistematicamente as possibilidades de um núcleo semântico que integre o tema, com a finalidade de agenciar algumas explicações a respeito dos processos de identificação do indivíduo contemporâneo rejeitando a noção de formação discursiva homogênea e incorporando a de Ethos.

outubro 8, 2008

a hora de ir

eu disse que queria falar de [eutanásia](#), e acho que hoje é o dia. especialmente porque ontem [ela](#) teve que tomar essa difícil decisão por sua gatinha, charlotte.

vocês sabiam que a palavra eutanásia vem do grego, *bom + morte*? eu não sabia, e gostei de descobrir, porque realmente acredito que a eutanásia é um ato de caridade, respeito e amor. descobri ao mesmo tempo que eutanásia é ilegal no brasil (para humanos, suponho), [é considerada homicídio](#) (leia o texto com reservas, ele é bastante parcial).

um dos argumentos contra a eutanásia é que ela seria executada em benefício não do paciente mas dos familiares ou responsáveis. algo como "precisamos **nos** livrar desse problema / sofrimento". só quem realmente nunca precisou passar sequer perto dessa opção pode pensar que é essa a motivação de quem toma essa decisão.

bah, eu sei que haverá os que querem se livrar do fardo, e pronto. assim como há mães que engravidam para ganhar pensão ou homens que compram uma esposa para ter escrava particular. posso estar errada, mas me parece que transformar a opção por uma morte assistida e digna em crime é forte demais.

da minha parte, gostaria de ter esta opção, seja pra mim ou pra qualquer pessoa que eu amo. não consigo imaginar nada pior que assistir alguém amado sofrendo ou ligado a aparelhos num hospital, sem esperança de recuperação e ainda assim amarrado a um arremedo de vida.

mas é bem mais fácil falar que fazer, admito, e a única experiência que tenho a respeito é com meus furões. optamos pela eutanásia de 2 dos nossos queridos: pixel e groo.

No início do texto acima aparece a imagem de um fiador que, por meio de um tom de conversa com o enunciatário, exprime um caráter e uma corporalidade que atestam uma abertura a um ponto de vista estranho ao do enunciador (*Voces sabiam que...*), revelando-se um ethos da ordem da descentralidade com o qual o enunciatário pode se identificar, filiando-se enunciativamente à construção do enunciado sobre a oposição semântica vida versus morte. Essa busca pelo outro, demonstrada pela presença massiva dos comentários dos leitores constitui uma marca característica dos



diários virtuais íntimos, cujos autores procuram atrair os leitores, principalmente por esse caráter de abertura e flexibilização da opinião no hipertexto público.

Embora a vida seja valorizada positivamente no texto, o trabalho que a preservação de uma vida moribunda exige leva a uma inversão da vida como uma valor positivo e da morte negativo. A eutanásia passa a ser uma alternativa valorizada euforicamente. Embora possa parecer absurdo considerar a morte como um termo eufórico, o percurso argumentativo do texto leva o enunciador a valorizar positivamente a morte via eutanásia. Parte-se, então, da negação de uma construção legal de positividade da vida, na qual toda vida humana deve ser defendida, ou seja, todo ser humano deve lutar para ter direito à duração eterna. Em uma lógica interdiscursiva que valoriza o saber científico e uma concepção tecnicista do corpo humano, a eutanásia surge como salvação a ser realizada pelo outro como ato de amor e não como homicídio.

Segundo Bauman (2008), as duas pontes modernas, públicas e de livre acesso que ligavam a finitude da vida ao infinito foram rompidas: a nação e a família. Essa entrada em massa à transcendência, prometida por essas duas instituições perde sua força atrativa, deixam de resumir a duração perpétua. Conhecida a impossibilidade de transcendência, valor disfórico à lógica materialista, a eutanásia surge como modo de atenuar a dor da morte imprevisível. Essa negação da infinitude pode, em última instância, ser interpretada como tentativa de acesso paradoxal a essa escala superior.

O início do post é essencialmente, temático, pois organiza, categoriza e ordena os elementos do mundo natural, vivido. O enunciador busca explicar uma realidade, argumentando a favor da prática da eutanásia. O léxico mais abstrato, em termos como acreditar e considerar (verbos) homicídio e decisão, opção e esperança (substantivos). Por outro lado, na sequência, temas como morte, vida e eutanásia são assim, figurativizados em termos como hospital, cirurgia e sedação.

o primeiro foi o mais difícil, não por ser o primeiro mas porque fomos pegos de surpresa. ele ficou mal subitamente (úlceras perfuradas) e foi só na mesa de cirurgia que pudemos entender o quanto seus órgãos estavam comprometidos. ele tinha mais de 5 anos (idade considerável para um furão), teria que ter seu estômago reparado e toda cavidade interna tinha sido de alguma forma comprometida pelo suco gástrico. a operação era viável, porém as chances eram poucas e sua recuperação seria muito dolorosa, caso ele conseguisse sobreviver à cirurgia.

No entanto, ao longo do post, o tema morte via eutanásia é figurativizado, buscando representar e descrever o tema abordado. O enunciador busca simular o mundo, ao explicar as condições de saúde do animal em termos como *estômago*, *úlceras* e *UTI* (substantivos), *perfurada* (adjetivo), *chorar*, *sobreviver* e *sentir* (verbos)



decidimos então não submetê-lo a isso. nos fizemos muitas perguntas até decidir, mas a mais importante delas é: por quê? qual é o propósito de passar por dor e sofrimento, com chances tão pequenas de sobrevivência? não nos custaria absolutamente nada cuidar dele na recuperação. o bichinho não chora, não reclama de nada. ele ficaria quietinho, e o máximo que nos daria de trabalho seria monitorar de hora em hora, dar os remédios, limpar. tudo o que já fazemos normalmente quando qualquer deles está doentinho. não foi por preguiça e nem para evitar a nossa dor que escolhemos a eutanásia, foi para que sua partida fosse a mais suave possível. o [fer](#), que estava com ele no dia da cirurgia, ficou ali do lado conversando com ele, protegendo e acariciando até que ele desse o último suspiro. porque era assim que queríamos que ele partisse: sentindo-se seguro e amado, sem dor. (...)

fosse ele um humano, teria ido para a UTI e ficaria vivo às custas de aparelhos, até não se sabe quando. sem comer, beber, andar, isolado dos amigos e de nós, cercado por médicos e enfermeiros eficientes porém distantes. ele passou 2 dias internado, no terceiro dia fomos nos despedir. pegamos no colo, fizemos muita festa, demos todo nosso amor e dissemos adeus. agradecemos a ele por todos os anos de alegria que nos proporcionou. ele foi sedado e a injeção final foi aplicada. nossa veterinária e amiga ficou ali conosco, escutando o coraçãozinho dele e fazendo carinho até que ele desse seu último suspiro.

não foi triste, chocante e nem ruim. choramos, é claro, porque nunca é fácil dizer adeus. e o mundo fica fora de prumo quando alguém que nos é caro(*) o abandona. nós sabemos que a decisão que tomamos foi por ele e para ele, que estava cansado e fraco, sem esperanças de qualquer melhora. não há um fiapo de arrependimento ou de dúvida em mim, tenho absoluta certeza que fizemos o que era melhor pra ele.

quanto mais penso mais acho que manter vivo alguém que sofre sem esperança ou que não tem mais vontade própria é egoísmo. é difícil aceitar que alguém que amamos vai embora para sempre. preferimos manter alguém sofrendo porém vivo a abrir mão da existência do outro.

bom... o assunto é difícil e acho que não existe resposta certa ou errada, no fim das contas. sei o que sinto e acho *hoje*. e neste momento fico feliz por ter tido coragem de escolher a eutanásia para os nossos pequenos. estou certa que eles são gratos, onde quer que estejam.

(*) há quem ache que é bobagem amar animais, eu sei, mas deixo pra lá. aqui nesta casa não trabalhamos com amor categorizado. amamos sem reservas, independente da espécie.

Posted by [zel](#) on outubro 8, 2008 3:05 PM | [Permalink](#) | [Comments \(15\)](#)

Já no final do texto, a tematização volta a predominar, investindo semanticamente as figuras relatadas anteriormente. A explicação do mundo por meio dos temas sugeridos justificam a ordem social no diário virtual íntimo, ou seja, da defesa da eutanásia como uma alternativa ao sofrimento em vida, ordem exemplificada pelo termo *gratidão*. A figura da proprietária do animal de estimação é tematizada, no texto, pelo papel social do médico, responsável por favorecer ou não a prática da morte induzida por medicamentos. A figura do animal de estimação é tematizada como um paciente, alheio às decisões da instituição de saúde, explicitamente, o hospital. Tanto o animal de estimação, quanto o seu dono, são substituídos com a finalidade de inseri-los

numa ordem científica, que, pela prática da eutanásia, tem o poder de substituir a incerteza do sofrimento pela certeza da morte indolor, sob a justificativa positivada do benefício do paciente. O ser humano, em seus dramas e instabilidades, torna-se uma figura negativa, que somente pode ser positivada pelo controle oferecido pela Medicina. Nega-se a vontade de Deus, e até o momento da morte pode ser manipulado. Uma concepção tecnicista separa o médico do paciente, quando, ambos devem ser duas instancias interdependentes no processo. Vida e morte são dois lados desse mesmo processo, fenômeno físico e corpóreo, apenas. A fraqueza humana diante da fragilidade desse corpo físico é substituída pela força da eutanásia como salvação. Em contrapartida, no espaço discursivo da lógica divina, a eutanásia é traduzida em homicídio, um pecado do qual todo ser humano racional deve se abster.

Tal polêmica discursiva é reiterada pelo historiador francês Phillipe Áries, que explica os diversos motivos da dificuldade de lidar com a morte em nossa sociedade. A morte, para ele, é vista como um assunto mórbido e interdito:

Hoje é vergonhoso falar da morte e do dilaceramento que provoca, como antigamente era vergonhoso falar do sexo e de seus prazeres. Quando alguém se desvia de você porque está de luto, está dando um jeito de evitar a menor alusão à perda que você acaba de sofrer, ou de reduzir as inevitáveis condolências a algumas palavras apressadas; não que a pessoa não tenha coração, que não esteja comovida, pelo contrário, é por estar comovida, e quanto mais comovida estiver, mais esconderá seu sentimento e parecerá fria e indiferente...O decoro proíbe, a partir de então, toda referência à morte. (ARIES, 2003:224)

Assim, a oposição entre vida e morte, presente no texto, também manifesta-se no medo interdito da morte, separando e excluindo do mundo dos vivos, seres saudáveis e completos em sua corporalidade, do universo dos fracos e doentes.

As construções identitárias no ciberespaço acontecem pela filiação enunciativa a uma ordem do ideal de eu, um ideal do corpo humano como unidade indestrutível, mas amedrontado a fragmentado diante da possibilidade da morte. Esse embate inconciliável e inevitável com a morte revela a necessidade do outro para a continuidade da vida, um outro como representante maior da fragilidade e da instabilidade humana. Assim, o animal sai da esfera do instinto para representar-se enunciativamente como um paciente racional, também o autor empírico, de dono do animal simula sua identidade agora como um médico, identificado pelo campo científico.

O computador e seu papel transformador dos modelos mentais possibilita que o enunciatador do diário virtual íntimo introjete uma visão de mundo construída a partir do



pressuposto da ciência e da Lei, que oferece provas verificáveis do mundo como uma realidade vivida pela percepção sensível humana, ignorando as opacidades dessa suposta realidade. Comprovam esse fato os links que estão associados ao post: relacionada à palavra *eutanásia*, logo no início do post, encontra-se uma página didática que explica o tema. O trecho *é considerada homicídio* está linkado a uma página da Ordem dos Advogados do Brasil que relata as penalidades criminais da prática da eutanásia. Estes são os dois únicos links presentes neste post, comprovando a associação identitária do enunciador a uma complexa rede de enunciadores-outros, mas a maioria deles organizados segundo uma ordem da Ciência e da Lei.

Aqui, pode ser associada a imagem do autor que escreveu esse blog à de uma defensora da eutanásia, revelando-se um ethos mais assertivo e maduro em comparação ao ethos do início do texto, mais jovem e que ainda busca no outro a legitimação de sua opinião. Esta imagem aciona uma corporalidade na qual um ator social militante pela causa da morte assistida é encenado, apoiando-se sobre um conjunto de representações sociais associadas à defesa de procedimentos que acentuam a idéia de um corpo manipulável, entre eles o aborto.

Relacionado a esse ponto de vista centrado está a lógica imediata do trecho analisado que, embora inserido em ambiente essencialmente hipermediático, tende a valorizar a leitura linear e tradicional que busca desaparecer com as transposições das janelas e estimula o leitor a percorrer o texto sem dispersar-se nos links. As narrativas do trecho são, portanto, imediadas, acentuando o caráter (ethos) centrado frente à diversidade de vozes e pontos de vista a respeito do tema. Os poucos links empregados direcionam, portanto, a páginas que corroboram com tal ponto de vista.

Embora no ciberespaço concorram formações discursivas tanto em defesa quanto contrárias à prática da eutanásia, o enunciador opta por elencar apenas as favoráveis ao seu ponto de vista, transmitindo um ethos centralizador e estável frente às instabilidades discursivas de suas viagens pelos labirintos do ciberespaço. Ainda inserido na lógica humana, o enunciador identifica-se apenas com as perspectivas eufóricas da certeza e da unidade, refutando aquelas disfóricas da incerteza frente à morte e da pluralidade de pontos de vista sobre a prática da eutanásia.

A possibilidade de diálogo facilitada pela tecnologia permite uma diversidade de posições identificatórias e, no diário virtual íntimo, o enunciador tem, a cada post, uma imensa variedade de representações (temos aqui, o sentido de representação como cena ou papel) à disposição, com as quais se associar, tendo sempre latente a tensão entre



uma pluralidade de cenas possíveis e uma unidade que clama pela responsabilidade autoral. Essas identificações feitas a partir da voluntariedade por meio dos links do enunciador demonstram a tensão entre uma abertura à descentralização e um fechamento totalizador, tentativa intencional de centralização. As construções subjetivas no diário virtual íntimo ocorrem justamente por meio dessa interface paradoxal.

As identificações são construídas pela navegação no labirinto, povoando essa rede emaranhada de narrativas hipertextuais individuais e singulares e transmitindo ao leitor um ethos tenso entre a centralidade do ponto de vista autoral e a descentralidade que clama pela interação. As idas e vindas por várias dimensões sejam elas hipertextuais, lingüísticas ou espaciais arquitetam a identidade do sujeito, ou melhor, são processos de identificações que permitem ao sujeito se fazer conhecer, dando um sentido à sua existência, construindo uma linearidade narrativa, uma coerência, mesmo que fantasiosas.

Referências bibliográficas

ARIES, P. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003

CORACINI, M. J. (Org.) **Identidade e discurso**. São Paulo: Ed.Argos e Unicamp, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding New Media**. Cambridge: The MIT Press, 2002.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **O que é um autor?**. 4. ed. [s.l.: Vega, 2000]

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2004.

_____. **Ethos, cenografia e incorporação**. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 68-92.

PRIMO, A. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. In: Revista da Famecos, n.o 36, agosto de 2008, Porto Alegre. (pp 122-128). http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf Último acesso: 25-06-2009

TURKLE, S. **A Vida no Ecrã. A identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

Diários virtuais pesquisados:

<http://continuavalendo.blogspot.com/>
www.zel.com.br